

LINGUASAGEM

UMA HISTÓRIA PARA A LINGUÍSTICA MATERIALISTA¹

Pedro Fernández Riquelme (UM)²

Tradução do espanhol: Nathan Bastos de Souza (UFSCar)³

Resumo

Aproximar-nos-emos à influência de Karl Marx na teoria linguística do pós-formalismo russo até a Análise Crítica do Discurso, oferecendo uma panorâmica geral das distintas escolas. Elucidaremos se o Materialismo Histórico pode ser a base para uma teoria linguística válida que confronte diretamente o paradigma saussuriano e se é capaz de opor outro de raiz materialista. Ademais, daremos algumas características que deveriam estar presentes para conformar uma metodologia.

Palavras chave: Análise Crítica do Discurso; Marx, Linguística, Materialismo Histórico.

Resumen

Trataremos de acercarnos a la influencia de Karl Marx en la teoría lingüística desde el postformalismo ruso hasta el Análisis Crítico del Discurso, ofreciendo una panorámica general de las distintas escuelas. Dilucidaremos si el Materialismo Histórico puede ser la base para una teoría lingüística válida que confronte directamente el paradigma saussureano y crear otro de raíz materialista. Además, daremos algunas características que deberían estar presentes para conformar una metodología.

Palabras clave: Análisis Crítico del Discurso; Marx; Lingüística; Materialismo Histórico.

Abstract

We will try to approach the influence of Karl Marx on linguistic theory from Russian Formalism to Critical Discourse Analysis, offering an overview of the different schools. We will elucidate whether historical materialism can be the basis for a valid linguistic theory that directly confronts the Saussurean paradigm. In addition, we will give some characteristics that should be present to form a methodology.

¹Texto originalmente publicado em *Pensamiento al margen. Revista Digital de Ideas Políticas*. Número 12 (2020), pp. 34-53.

²Doutor em Língua Espanhola pela Universidade da Murcia. Licenciado em Filosofia e Letras, especialidade em Filologia. Faculdade de Letras, Universidade da Murcia (UM), Espanha. É editor chefe da *Refracción – Revista sobre Linguística Materialista* (<https://bit.ly/3uvGNbE>) e fundador da Revista *Pensamiento al margen* (<https://bit.ly/3uu7o9d>). Professor responsável pelas disciplinas de Língua Espanhola III (Pragmática) e Língua Espanhola IV (Tipologia Textual). p.fernandezriquelme@um.es

³Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). nathan.diagramacao@gmail.com

Keywords: Marx; linguistic; Critical Analysis of Discourse; Historical Materialism.

Introdução

O termo Linguística Materialista não é novo. As pesquisas de um grupo de semioticistas italianos foram catalogadas dentro dessa acepção (REGALES, 1982; HIERRO, 1989; QUESADA, 1990). Rossi-Landi, Ponzio, Bonfantini, Sanga e Rosiello preconizavam uma linguística materialista trasladando conceitos de *O Capital* de Karl Marx à teoria do signo entre o fim dos anos 1960 e começo dos anos 1980. A repentina morte de Rossi-Landi, a queda do muro de Berlim e o nascimento de outras correntes linguísticas pareciam deixar sem continuidade essa subdisciplina, ainda que a Linguística Crítica e a Análise Crítica do Discurso (ACD) exponham critérios semelhantes, sobretudo enfocando seus estudos nos usos ideológicos da linguagem (VAN DIJK, 1999b).

Todavia, a ACD e a análise do discurso em geral tratam da multimodalidade do discurso e não tanto da linguística no sentido estrito, menos ainda de origem materialista, incluída a ACD em sua última etapa (FLAX e MARTÍNEZ, 2020).

Nosso método pautar-se-á em uma exposição diacrônica das contribuições de algumas escolas linguísticas que relacionaram, de alguma maneira, os conceitos de Marx, sobretudo o materialismo histórico, com a teoria do signo linguístico, a semântica, a sintaxe, etc.

Para tanto, recopilaremos as principais contribuições de Marx nas distintas escolas que produziram obras em torno da questão *linguagem, sociedade e ideologia*, e discutiremos sucintamente as teorias que se engendraram sobre a matéria.

Tanto a Escola Semiótica Italiana de Rossi-Landi e Ponzio quanto o espanhol Miguel Siguán quiseram contribuir para a construção de uma teoria (sócio)linguística marxista. Enquanto que a Linguística Crítica e a Análise Crítica do Discurso se assentam claramente nos conceitos de dominação aportados por Marx e Engels e, inclusive, Gramsci. Para Van Dijk (2004, p. 28) a dominação se relaciona com o poder e, em concreto, com o abuso do poder, a desigualdade social e as injustiças, que configurariam as consequências dessa dominação no âmbito do discurso. O objetivo último da dominação discursiva seria controlar as representações sociais das pessoas e por essa via as futuras ações que se constroem com base nessas representações. Essa afirmação de Van Dijk se pauta na psicologia cognitiva, que entende essa categoria como modelos mentais, os quais se inscrevem em contextos como construtos subjetivos (VAN DIJK, 2004, p. 13). A missão da ACD consiste em explicar que estruturas do discurso têm mais

tendência a afetar as representações mentais preferidas pelas elites que detêm o poder político, religioso, econômico ou midiático.

Nesse amplo campo dos estudos do discurso, surgiu nos últimos 25 anos um enfoque que podemos chamar “crítico” do discurso. Iniciado como “Linguística Crítica” em 1979, com um livro primordial, *Linguagem e Controle* de Roger Fowler e seus enfoques mais “formais” sobre discurso e linguagem na linguística, na psicologia e nas ciências sociais. Esses enfoques formais raras vezes se interessavam pelo contexto político e social da linguagem e o discurso na sociedade. Estavam pouco interessados também em noções mais críticas, como poder, dominação, desigualdade social e as formas nas quais linguagem e discurso se encontram envolvidos em sua produção e reprodução (VAN DIJK, 2004, p. 7).

Para Moralero (2012, p. 27-28), o problema para estabelecer uma metodologia na Sociolinguística Crítica se radica na ausência epistemológica do sujeito:

Uma sociolinguística crítica, portanto, necessita de uma teoria do social que contemple a realidade da interação e da enunciação (e, por extensão, do discurso) à luz de sua relação com os processos de significação que ocorrem no lugar do sujeito. Esse último, se é concebido como substancialmente distinto da realidade material e dialógica do signo – isto é, como indivíduo puramente orgânico capaz de decidir se participa ou não dos processos de significação – em nenhum caso pode nos levar a compreender o funcionamento repressivo e gerador de desigualdade pelo qual se caracterizam as relações sociais de produção atuais em todo seu alcance.

Acreditamos que esse papel do sujeito pode, também, ser utilizado na metodologia de uma Linguística Materialista, partindo de uma concepção global do saber humano que se constrói socialmente, de acordo com Rossi-Landi (1970).

Tentaremos responder a esta pergunta: se é possível uma Sociolinguística Crítica (materialista), por que não seria uma Linguística em que se inclui a outra?

Em outras palavras, para estabelecer outro paradigma linguístico haverá que partir de Voloshinov⁴ e sua concepção de signo a partir da materialidade, mais uma teoria válida do sujeito que deve assumir inevitavelmente a psicanálise de Sigmund Freud, como já adiantaram os estudiosos da Escola de Frankfurt e Michel Pêcheux, entre outros. Van Dijk afirmou que a gênese da ACD se encontra na Escola de Frankfurt (1999a, p. 23). Ademais, a adição do adjetivo “crítica” com o qual são nomeadas correntes como

⁴ NT. Os sobrenomes de autores russos foram mantidos conforme a versão original porque remetem à bibliografia contida ao final do artigo; no Brasil, as recentes traduções dos diferentes autores russos têm obedecido ao padrão de acentuação e transliteração criado pelos professores de russo da USP.

Linguística Crítica, Sociolinguística Crítica ou a própria ACD vem dessa teoria radicada na Alemanha. E, finalmente, conviria confrontar a teoria do signo linguístico que se difundiu em nome de Ferdinand Saussure e, em geral, as colocações da Linguística Estruturalista, que teve continuação na Glossemática de Hjelmslev e no Gerativismo de Chomsky.

Karl Marx: o materialismo histórico. Linguagem e superestrutura

O autor alemão Karl Marx (1818-1883) se destacou nas contribuições à economia, à política e à filosofia. Mais desconhecidas são suas contribuições para o desenvolvimento da linguística. Certo é que não se dedicou a isso em nenhum livro monográfico, nem nenhum capítulo de seus livros, mas em vários deles refletiu sobre a relação entre a linguagem, o pensamento e a sociedade, sobretudo na *Ideologia alemã* (1846). O fato de que suas teorias sobre a linguagem humana estejam disseminadas por suas obras dificultava uma sistematização.

Embora em Marx e Engels não haja certamente uma teoria da linguagem, sim podem ser encontradas considerações de interesse sobre as relações entre o pensamento, a linguagem e a vida real (por exemplo, em *Ideologia alemã*; para um exame detalhado dessas contribuições consultar *Langage et marxisme*, de Houbedine, capítulos II e III). Desgraçadamente essas sugestões não foram recorridas na tradição posterior e ficaram sem frutificar em uma teoria mais ampla que pudesse ser interessante (HIERRO, 1989, p. 470).

Ademais, há o problema da demonização de Marx pelas atrocidades cometidas em nome do Comunismo, ideologia elaborada em companhia de Engels, em regimes como a URSS de Stalin ou a China de Mao. No entanto, as contribuições intelectuais de Marx foram bem distintas às praticadas nesses regimes, o que se comprova lendo suas publicações originais.

Esses dois fatos provocam a escassa bibliografia sobre as contribuições de Marx em torno da relação entre linguagem e sociedade e a omissão de seu nome e influência. Entretanto, uma revisão das escolas e autores mais destacados que dissertaram sobre essa relação levaria à reaproximação sistemática das contribuições de Marx e uma análise de sua influência ao longo dos anos. Assim, nossa proposta parte da obra de Marx, segue para o pós-formalismo russo, sobretudo com Voloshinov; passa de soslaio por Michel Foucault e a Escola Francesa do Discurso, a Escola Semiótica Italiana, a Sociolinguística

Crítica e a Linguística Crítica, para chegar à atual escola que desenvolveu a Análise Crítica do Discurso.

Desse modo, tentaremos estabelecer um fio condutor através de uma sistematização das contribuições de Marx e seu desenvolvimento por esses autores e escolas para demonstrar que pode haver uma Linguística Materialista alternativa ao paradigma saussuriano. A teoria para que fosse possível compor uma ciência que servisse aos fins da Linguística Materialista teria de ser reconstruída porque, segundo Mancuso (2006), sua “característica fundamental foi a de se opor explicitamente às ideologias totalitárias em ascensão e formação, apresentando-se, por sua vez, como a única alternativa anti-positivista, válida e aceitável”. O isolamento da URSS e os expurgos da época de Stalin afetaram principalmente o Círculo de Bajtin, fonte histórico-materialista dessa tradição europeia, ainda que também aos intelectuais marxistas italianos perseguidos pelo Fascismo (Gramsci, por exemplo).

Ademais, destacaremos a importância que as ideias de Marx representaram para o nascimento da Pragmática e da Sociolinguística, entre outras disciplinas acadêmicas dentro do âmbito da Linguística. É fato que existe uma Sociolinguística Marxista (GARCÍA MARCOS, 1999), mas não se colocou a opção de uma linguística marxista a nível epistemológico. Dentro da linguística, a sociolinguística é a disciplina que mais se aproxima dos postulados do Marxismo (SIGUÁN, 1979; GARCÍA MARCOS, 1999). Para García Marcos, nos primeiros teóricos marxistas (Engels, Stirner, Lafarge) linguagem é sinônimo de consciência e evoluiu para necessidades concretas (1999, p. 73).

Para Lepschy (1985, p. 200), Marx e Engels não tinham muito que dizer sobre a linguagem, o que disseram foi, em sua maioria, marginal às preocupações principais. Os trabalhos de Marx examinados por Lepschy são qualificados como decepcionantes do ponto de vista linguístico; isso parece indicar como fato que a tradição marxista foi mais relevante e eficaz em sua análise de questões econômico-sociais que em sua análise de sistemas de conhecimento, crenças e em sua tentativa de relacioná-las com a estrutura econômica. Apesar desse inicial pessimismo de Lepschy, coincidimos com o autor quando afirma que somente um dogmático concluiria que a decepcionante natureza das contribuições linguísticas examinadas em seu artigo resta importância às teorias de Marx e Engels. De fato, o professor italiano examina nesse texto a influência de Marx em autores como Marr, Lenin, Stalin, Gramsci, Voloshinov, Bajtin, Lacan, Pêcheux ou Foucault. E é aqui que devemos buscar nosso objetivo: antes de analisar a importância das teorias sobre a linguagem de Marx, ressaltamos o valor metodológico que a escola

soviética (claramente marxista) forneceu, veremos com detalhe mais adiante, para o desenvolvimento de uma teoria linguística materialista válida.

No livro *Ideologia alemã* a crítica ao idealismo hegeliano que Marx e Engels realizaram colocará a necessidade de retroceder a consciência concretada pela filosofia à história, de modo que fosse concebida como processo produtivo e conflitivo no qual os homens produzem suas condições materiais de existência em circunstâncias historicamente determinadas e marcadas pela desigualdade. Desse modo, a consciência é entendida como consciência prática e produto social, a linguagem como algo “tão velho quanto a consciência”, um produto da prática humana sem o qual, por sua vez, a própria consciência humana e suas representações reais e ilusórias resultaria inconcebível: “a linguagem é a consciência prática” e nasce “da necessidade, das urgências da relação com os demais homens por parte dos homens”. Em *Ideologia alemã* encontramos numerosas considerações agudas sobre as implicações ideológicas de certas expressões (LEPSCHY, 1985, p. 203).

Diferentemente das filosofias idealistas em voga, Marx via na linguagem a manifestação da vida real, da atividade social do homem e o produto, por sua vez, dessa atividade. Marx e Engels trabalhavam sempre a linguagem como um fato sociohistórico, de nenhuma maneira como um fato natural ou como algo divino e misterioso (YANCE, 2000). Para Marx, a linguagem humana surge do desenvolvimento material da sociedade e das necessidades sociais.

A essência da Linguística Materialista que propomos emanaria da sentença de Engels efetuada no prólogo à *Contribuição da crítica à economia política* de Karl Marx, em que enuncia “o ser social determina a consciência”. Essa é a chave de sua teoria do materialismo histórico: não é a consciência que determina nosso ser-realidade, mas a realidade social que é determinante de nossa consciência-ser.

O materialismo histórico se compõe da infraestrutura (a base) e a superestrutura. Segundo Marx, a superestrutura depende das condições econômicas nas quais vive cada sociedade, dos meios e forças produtivas (infraestrutura) e se conforma no conjunto de fenômenos jurídico-políticos e ideológicos, tais como o direito, o estado, as religiões, a moral ou a família; assim como as instituições que as representam em uma sociedade determinada. Em outros termos, são os modos de produção ideológica. As mudanças na superestrutura são consequência das mudanças na infraestrutura.

A superestrutura pertence ao mundo das aparências e, segundo Santander (2011, p. 2010), essa reflexão de Marx sobre a economia pode ser aplicada ao discursivo:

Quando esse pensador alemão estuda as práticas materiais geradas pela estrutura da economia capitalista conclui o seguinte: o caráter real da prática econômica é ocultado pelas aparências. Isso leva Marx a reconhecer que a relação entre ideias e realidade é mediada pelo nível das aparências, o qual forma parte da esfera das formas fenomenais (MARX, 2008). Desse modo, distingue entre um nível imediatamente presente na superfície das sociedades capitalistas: o da circulação (ou intercâmbio) de mercadorias, e outro que opera sob ou detrás da superfície. Em parte o verdadeiro funcionamento do processo de produção se manifesta através do nível visível do intercâmbio, mas, em parte muito importante, também é ocultado por esse mesmo nível (ver LARRAÍN, 2007).

A ocultação da realidade material dos cidadãos se realiza por processos discursivos verbais e não verbais (símbolos, imagens...).

Interpretando o linguista soviético Reznikov, García Marcos (1999, p. 107) afirma que, para a concepção marxista da história, nem a linguagem tampouco o pensamento são os pontos nodais, mas a atividade social. No mesmo livro, o autor amplia essa opinião afirmando que a escola soviética “concentrou suas pesquisas em torno dos campos prioritários de pesquisa: primeiro, a evolução da linguagem como produto ideológico dentro da dinâmica diacrônica e sincrônica da luta de classes (...)” (GARCÍA MARCOS, 1999, p. 103). Em outras palavras, o autor parte, como Marx, da atividade social e laboral para chegar à linguagem.

Essa teoria emana da ideia de que não é possível a independência da mente humana, do pensamento, a respeito das condições materiais específicas nas quais está imersa a sociedade. Marx põe em relevo o determinismo produzido pelos fatores de caráter externo.

Marx recebe influências diversas. Por exemplo, segue Aristóteles em seu interesse pela retórica como capacidade e arte de incidir sobre os outros homens. Já nos manuscritos do que seria *A sagrada família* (1845), Marx escrevia que a linguagem existe para o indivíduo que a emprega somente enquanto existe também para os demais usuários. Yance (2000, p. 222-223) corrobora essa ideia:

(...) se depreende o caráter socialmente condicionado da linguagem (essa tese reaparece em Saussure, quem a restringe ao que ele denomina a *langue*). Particularmente no plano semântico, do conteúdo, tanto nas manifestações linguístico-literárias quanto naquelas não literárias, se confirma o condicionamento social da linguagem. Ao sublinhar esse aspecto, Marx e Engels se opunham às concepções psicologicistas próprias de H. Steinthal, o único grande seguidor de Humboldt no século XIX e criador da teoria do psicologismo linguístico. Esse autor

concebia a linguagem partindo do ato individual de fala, de modo que sua concepção consistia em ver a linguagem como manifestação do espírito, já coletivo (linguagem da comunidade), já individual (fala individual, idioleto). Para Marx e Engels, ao contrário, o condicionamento social da linguagem vale tanto para a fala individual quanto para a língua da comunidade.

A motivação ideológica do signo linguístico. Para um novo paradigma.

O objetivo será estabelecer uma motivação com a qual se possa criar essa base metodológica para a Linguística Materialista confrontando-a com a Linguística Idealista e o Objetivismo Abstrato, em concreto com a ideia de Saussure de que o valor de um elemento (ou sema) é convencional, isto é, que é produto de um consenso social abstrato.

Como se sabe, a obra de Saussure se pauta nas notas que vários discípulos publicaram depois de sua morte. Essa obra foi denominada *Curso de Linguística Geral* (1914/1945). Em época recente, se descobriram manuscritos que foram publicados em francês em 2002 e em espanhol em 2004 (*Escritos de Linguística Geral*, Editora Gedisa). Segundo diversos autores (RIESTRA, 2012), esses escritos do punho de Saussure demonstram que houve uma leitura equivocada de suas propostas. Conforme Riestra, seu materialismo estrito não foi entendido por seus discípulos escritores do *Curso*.

Os manuscritos de Saussure coincidiram epistemologicamente com Voloshinov e Vigotsky a respeito das línguas no sentido humboldtiano. Em todo caso, essa discussão é alheia a nosso objeto de estudo, pois discutiremos o paradigma saussuriano que foi difundido.

A partir do Romantismo a língua deixa de ser concebida como um instrumento que reflete o mundo exterior e se torna o meio de expressar a experiência individual. A linguagem passa a ser vista como expressão do pensamento. Essa valoração da linguagem se mantém no início do século XX. A escola idealista alemã (K. Vossler e Leo Spitzer) considerava que a linguagem é sempre criação individual, enquanto que a escola saussuriana estudava os fatos coletivos e se interessa pelo social, a língua (em vez do individual, a palavra). Todavia, já destacaremos, ao menos, três pontos em que se mostram traços idealistas na teoria do linguista suíço:

A) Estado prévio à existência da linguagem:

Saussure parte da base de que o signo linguístico se forma por dois elementos: ideias (pensamento) e sons. Anterior à existência da linguagem, a mente não é mais que

uma “massa amorfa e indistinta” (1914/1945, p. 136). Saussure responde que o pensamento era nebuloso e os sons, indeterminados. Somente quando se unem, sons e pensamento, ficam firmemente determinados. Sua resposta à realidade antes da existência da linguagem é de todo imprecisa e teogonista.

B) Significante e significado tratados como fatos psicológicos

Para Cárdenas (2017, p. 30) se trata de uma noção de signo totalmente psicológica em cuja Saussure concebe a separação estrita entre linguagem e realidade, porque o signo linguístico não tem nada a ver nem com a coisa significada nem com o som. Os signos, então, não se “aplicam” a objetos definidos e por isso as diferenças internas ao sistema não correspondem às relações entre as coisas. Nas palavras do próprio Saussure (1914/1945, p. 34):

Que relações existem entre a linguística e a psicologia social? No fundo tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como as mudanças fonéticas; e, posto que a linguística fornece à psicologia social tão preciosos dados, não formará parte dela?

Já Voloshinov (2009, p. 60) se mostrava muito crítico em relação ao psicologismo (de Wundt e seus seguidores) na Linguística:

A presente onda do psicologismo não traz consigo nenhuma fundamentação básica da realidade psíquica. O psicologismo moderno, à diferença do anterior (o da segunda metade do século XIX), que foi o psicologismo positivista e empirista (seu representante mais típico foi Wundt), tende a interpretar o ser interior, o “elemento da vivência”, metafisicamente.

A despeito disso, o autor dava razão ao psicologismo na afirmação dessa corrente de que “não existe signo externo sem o signo interno” (VOLOSHINOV, 2009, p. 71).

C) O estudo dos signos linguísticos no “interior” da mente

Os objetos têm formas de existência: como objetos exteriores a nossa consciência e como objetos imanentes a nossa consciência (como imagens produto de nossa experiência vital). Seria preciso recorrer a Pierce (1974) para a aparição de um terceiro elemento (o objeto):

- o Representamen, o signo em si, isto é, uma manifestação material e perceptível que representa outro objeto.

- O objeto, que é aquilo representado, ou seja, aquilo de que trata o signo.

- O interpretante, ou sentido, que o signo produz e que se traduz em outro signo ou representamen.

Do mesmo modo teríamos de esperar Ogden e Richards (1984) para afiançar o conceito de *referente*, o qual completaria a tríade a partir do signo de Saussure. Os autores criaram o triângulo semiótico, em cujos vértices se situam o significante, ou forma sensível e percebida do signo linguístico; o significado, ou conceito ideal e abstrato associado a esse significante e, por último, o referente ou objeto real do mundo ao que se associam tanto significado quanto significante. A relação é direta ou contínua entre significado e significante e entre significado e referente, e descontínua ou indireta, na maioria das vezes, entre significante e referente.

Os princípios do estruturalismo saussuriano obrigaram a “patrolhar a zona do descritivo, sem poder adentrar no domínio do explicativo, isto é, no domínio próprio da ciência” à linguística posterior (LÓPEZ, 1978). Segundo Raiter (2015, p. 26) Saussure delimita demasiadamente o campo de interessa da Linguística, pois:

(...) não apenas deixa de fora o histórico, as ações individuais, ou o que – segundo ele – não pode ser sistematizado, mas também os sujeitos reais e concretos. O sistema da língua, para Saussure, é alheio à vontade dos membros da comunidade linguística: executar um sistema ou, inclusive, se apropriar dele não equivale a expressar-se com signos na comunicação.

Tanto o idealismo quanto o positivismo estruturalista desafiam abertamente a teoria marxista que se projeta como uma teoria da história (LÓPEZ, 1978), global e interdisciplinar.

Voloshinov (2009) qualifica a teoria saussuriana como objetivismo abstrato, ainda que, historicamente, seja considerada estruturalista (LÓPEZ, 1978). Voloshinov parte de uma tese básica: todo produto ideológico, seja uma teoria, uma obra de arte, uma lei, etc., é composto por signos. Esses signos são materiais e objetivos, porque qualquer teoria se compõe de palavras e qualquer pintura de imagens. Para Voloshinov, o signo ideológico por excelência é a palavra uma vez que está em todo produto e criação ideológica em geral, constitui a base do “discurso interno” e a comunicação entre as pessoas.

O primeiro que está sublinhado nessa obra é a íntima relação existente entre a teoria da ideologia e a semiótica. Todo o ideológico possui

significado, enquanto representa ou remete a outra coisa distinta de si mesmo; isto é, tudo que é ideológico é signo; “sem signos, não há ideologia”. Para Bajtin e Voloshinov, o âmbito da ideologia e o âmbito dos signos são equivalentes: todo signo é suscetível a uma valoração ideológica, todo o ideológico possui valor semiótico (HIERRO, 1989, p. 472-473).

Para o linguista suíço (1945), na língua cada termo tem um valor correspondente por sua oposição com outros termos. Os valores dependem de uma convenção imutável e, ademais, são relativos, já que a relação entre a ideia e o som é arbitrária; são, também, negativos porque a relação entre os signos linguísticos de um sistema se define de forma negativa, já que um signo é o que outro não é.

Segundo Raiter (2015, p. 27), Voloshinov aplica o método do materialismo dialético aos estudos linguísticos:

(...) para isso não pode considerar a linguagem um objeto, mas tampouco a expressão criativa de um indivíduo. O método dialético obriga a ver a linguagem dentro de um processo criativo, social e em mudança permanente.

Isso implica que a realidade social, as condições de vida material dos cidadãos se reflita em sua língua. Para Saussure, o signo linguístico é arbitrário, mas não é arbitrária a relação entre o significado e o significante – as duas faces do signo – mas a relação entre o signo e o entorno material e social (RAITER, 2015, p. 28).

A ruptura total com os pressupostos saussurianos por parte de Voloshinov (2009) se materializa quando o objeto de estudo da linguagem humana não é a estrutura da língua, mas a interação discursiva. Em outras palavras, nem o sistema abstrato, nem o ato psicofísico individual. Essa interação aparece sob o que a psicologia social de Vigotsky e Plejanov (1949) denominaria “meio ambiente”, isto é, uma consciência coletiva de cada comunidade falante onde se inscreve o sujeito. Os discursos emanados da interação devem ser analisados sob o conceito social da comunicação na luta de classes.

Assim, uma atuação discursiva participa em uma discussão ideológica de grande escala: responde a algo, algo rechaça, algo está afirmando, antecipa as possíveis respostas e refutações, busca apoio, etc. (VOLOSHINOV, 2009, p. 151).

Do mesmo modo, Jean-Jacques Lecercle trata o signo de Saussure como um sinal: “o sinal é estável, arbitrário e se presta à planificação” (2009, p. 106).

As escolas linguísticas materialistas

Denominaremos escola soviética aquela formada por um grupo de filólogos, filósofos, psicólogos, etc, que cresceu no ambiente revolucionário e cujas obras mais destacadas se compuseram a URSS. Abarca desde o pós-formalismo russo até a escola semiótica de Tartu. Entre os autores se destaca o conhecido como Círculo de Bakhtin, que segundo Moralejo (2012, p. 4) supôs um:

Projeto revolucionário associado à intelligentsia soviética da época: a tarefa de desenvolver os preceitos marxistas e enriquecê-los em um processo de confrontação dialética com as disciplinas científicas tradicionais.

O motivo para dismantelar o paradigma das ciências sociais e as humanidades em vigor se fundamentava em sua vinculação ao idealismo e à concepção burguesa, segundo a posição marxista (MORALEJO, 2012, p. 9).

Dentro do Círculo de Bakhtin nos centramos tanto em Valentin Voloshinov quando em Lazar Reznikov. Em paralelo, dois discípulos de Badouin de Courtenay, Polivanov e Iakubinski já estabeleciam um enfoque sociológico aos estudos da linguagem humana.

Voloshinov foi discípulo de Bakhtin e ambos tiveram o projeto de elaboração de uma filosofia marxista da linguagem. Sua obra fundamental foi *Marxismo e filosofia da linguagem* (Leningrado, 1929), cujo principal objetivo era (MORALEJO, 2012, p. 18):

(...) a possibilidade de contribuir a uma metodologia capaz de acessar a realidade objetiva dos fenômenos semióticos intersubjetivos constituintes da interação (práticas linguísticas).

Entre os pontos que tratou destacamos os seguintes:

- Caráter ideológico do signo linguístico.
- A significação como arena da luta de classes.
- Críticas ao subjetivismo idealista e ao objetivismo abstrato

Diante da constante vacilação de Saussure entre o estudo sincrônico e diacrônico e sua reconstrução erudita (RAITER, 2015, p. 27), Voloshinov afirmava com segurança que as línguas respondem à realidade das sociedades humanas. As línguas atuais são fruto de um devir histórico, conforme suas leis, marcos e configuração sociológica. Nesse processo, os signos mudam de valor para representar a sociedade e o poder de seu tempo.

“A história social dos signos é a história das ideologias” (RAITER, 2015), pois na disputa dialética pela significação do signo, encontramos uma clara motivação ideológica.

Voloshinov (2009) afirma que a consciência que media a relação entre a realidade e a linguagem se materializa na interação, que é sempre social, porque é então que se cristaliza nos signos os quais se articulam em discursos. Esse é um ponto chave para justificar e desenvolver nossa proposta de Linguística Materialista:

As relações de produção e a estrutura sociopolítica que diretamente condicionam, determinam todos os contatos verbais possíveis entre os indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica (VOLOSHINOV, 2009, p. XX).

A esse respeito, Mijail Bajtin afirmava que:

A linguagem não conserva nem forma palavras neutras, “que não pertencem a ninguém”: está dispersa, plena de intenções, totalmente acentuada (...). Não é um sistema abstrato de formas normativas, mas uma opinião plurilíngue no mundo. Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra precisa, um homem particular, uma geração, uma época, um dia, uma hora (...) Todas as palavras, todas as formas, estão povoadas de intenções (apud ZAVALA, 2009, p. 20).

A teoria bakhtiniana sobre a literatura se pauta no materialismo, mas também apresenta clara influência neokantiana, ao entender a cultura como espaço de fixação dos processos materiais de significação (atividade estética), que lhe conferem uma aparência unitária possível de perceber em todas as instâncias de uma vida cultural (MORALEJO, 2012, p. 8).

Para Voloshinov (2009, p. 10) a consciência possui valor semiótico, já que a ideologia não se encontra na consciência como membro independente: pretender o contrário é psicologismo e idealismo. A ideologia está nos signos, por meio dos quais se desenvolve a comunicação humana: “A consciência unicamente chega a ser consciência uma vez que está preenchida de conteúdo ideológico (semiótico), e, por conseguinte, somente no processo de interação social”.

A discussão principal no livro de Voloshinov é o questionamento da proposta de signo linguístico de Saussure. Segundo o autor russo, os signos linguísticos são motivados e respondem a uma necessidade social e ideológica. Ademais, os signos têm a possibilidade de multiacentuação; já que os acentos valorativos não se encontram no sistema, estão no uso. Os enunciados (discursos) são produzidos em momentos históricos

concretos e irrepetíveis. As diferenças de valoração podem chegar a outorgar sentidos opostos a enunciados que têm os mesmos significados. O conteúdo de todo signo linguístico têm uma peculiar carga valorativa.

Para a total compreensão do signo linguístico/ideológico, os participantes do processo comunicativo devem compartilhar a “vivência mesma” da significação: “Na vida real, nós jamais pronunciamos nem ouvimos palavras, mas ouvimos a verdade ou a mentira, o bem, o mal, o importante ou o prolixo, o agradável ou o desagradável” (VOLOSHINOV, 2009, p. 112). É assim como, em uma situação comunicativa, a participação subjetiva se organiza em função da multiplicidade de valorações que desde os atores intervenientes podem tornar tenso o sentido de um discurso (HERNÁNDEZ, MOREL e TERRILES, 2011, p. 130).

Ao tratar dessa teoria do signo em Voloshinov, Raiter (2015, p. 29) introduz o conceito de reenvio ideológico, muito importante para atualizar a proposta do autor russo:

Os signos, como elementos concretos e materiais, respondem a uma necessidade social e por essa necessidade são criados. Os signos têm um referente externo e, por sua vez, um reenvio ideológico. Ainda corremos o risco de banalizar a teoria de Voloshinov oferecendo um exemplo, digamos que o signo “árvore” em um enunciado do tipo “Vou descansar ao lado da árvore”, não só estabelece a referência do objeto ao lado do qual vou descansar, mas as propriedades ou atributos que o falante – dentro da comunicação com seu grupo social – outorgou à árvore: dar sombra, por exemplo; esse reenvio é ideológico: é a forma de vida dessa comunidade que lhe outorgou (porque a usa) essa propriedade.

O conceito de dialogismo, que Bajtin desenvolveu, é exposto por Voloshinov da mesma forma: não apenas se refere à pluralidade de vozes nos enunciados, expõe também os diferentes lugares que ocupam os falantes na sociedade e, portanto, a enunciação diferenciada dos falantes a partir desses lugares. Bajtin influi notavelmente em Voloshinov, sobretudo no conceito de dialogismo, de interação, pois o signo é dinâmico, somente em sua atualização na interação verbal adquire o sentido.

Para Voloshinov (2009), a palavra é o meio em que se dá a consciência, é o material semiótico da vida interior e acompanha todo ato de criação ideológica e todo ato de compreensão ou interpretação, ainda que somente seja como linguagem interior. A ideologia tem aqui um papel criativo e mobilizador (RAITER, 2015). Aqui coincide com o linguista também soviético Ivan Meshchaninov, quem, segundo García Marcos (1999,

p. 106), trabalha com a relação entre estrutura social e linguística como contínua, evolutiva e dinâmica, criando uma contradição dialética no nível ideológico:

Todo fato linguístico tem seu correspondente correlato nos hábitos de pensamento e vida de uma comunidade humana, ainda que nunca de maneira imanente e estática. As contínuas transformações na base social e econômica de uma comunidade provocam a aparição de outros tantos fatos linguísticos, até então desconhecidos, que terminam por transformar a língua.

Desde seus primeiros trabalhos na década dos anos 30 do século XX, Lazar Reznikov se destacou pelas críticas às teorias idealistas. Para Reznikov (1970, p. 15-16), o signo é material, por esse motivo a informação se concretiza nele.

O signo é um objeto (fenômeno ou ação material, percebido sensorialmente, que intervém nos processos cognoscitivo e comunicativo representando ou substituindo a outro objeto ou objetos) e que se utiliza para perceber, conservar, transformar e retransmitir uma informação relativa ao objeto representado ou substituído.

A preocupação epistemológica do autor consiste em fixar a relação existente entre as linguagens verbais ou não e a realidade através da significação, concebendo essa relação como a reprodução explicável a partir da teoria do reflexo:

Na base da atividade prática dos processos cognoscitivo e comunicativo, se forma mediante signos um reflexo que carrega um caráter generalizado e constitui a resultante comum de todas as entidades individuais de um grupo que utiliza os signos para o intercâmbio de informações. Desse modo, o significado do signo é o reflexo generalizado e socialmente inteligível do objeto (REZNIKOV, 1970, p. 49-50).

García Marcos (1999, p. 103) destaca que dentro da chamada “sociolinguística marxista” há várias tendências. Na escola soviética teria dois eixos principais de investigação:

(...) primeiro, a evolução da linguagem como produto ideológico dentro da dinâmica diacrônica e sincrônica da luta de classes, e, segundo, a vinculação entre língua e pensamento desde o ponto de vista marxista, ainda que sem o nexo da continuidade com a hipótese Sapir-Whorf que mantinha Schaff, da Polônia.

Linguagem e pensamento constituem uma unidade de acordo com Adam Schaff (1973, p. 21):

(...) no sentido de que existe um único processo pensamento-linguagem, do qual somente através da abstração investigadora é possível isolar “elementos” como o pensamento autonomamente concedido e a linguagem concebida também como algo independente, esses elementos, de fato, não são mais que aspectos de um processo unitário, percebido de diversas perspectivas.

A origem dessa concepção é encontrada em Locke (1980), autor que defende a conexão essencial entre pensamento e expressão como necessidade de uma análise total do fenômeno da linguagem para penetrar na estrutura do conhecimento. Não se pode conceber, portanto, a existência de um “pensamento averbal”, desprendido da linguagem e oposto, de certo modo, do pensamento que se expressa com palavras, já que intervêm de forma decisiva na orientação do pensamento para as coisas.

Os primeiros sociolinguistas foram soviéticos e se adiantaram em mais de trinta anos à chamada oficialmente como Sociolinguística (MORALEJO, 2012), a qual nasceu no fim dos anos sessenta, nos EUA: Eugeni Polivánov (1891-1938) e Lev Iakubinski (1902-1943), ambos foram discípulos de Baudouin de Courtenay (1845-1929) e o primeiro expurgado pelo regime de Stalin.

Moralejo (2012, p. 14-15) resume as propostas do programa proposto por Polivánov, em 1929, em que são formuladas algumas premissas que a linguística sociológica da época necessitava adotar:

- Consideração da língua como um fato sócio-histórico;
- Trabalho descritivo das línguas e dialetos a partir de uma perspectiva sociológica;
- Análise avaliativa da língua como instrumento relacional;
- Estudo das conexões entre os aspectos socioeconômicos e a linguística;
- Análises avaliativas da língua como meio de luta pela existência;
- Tipologia geral da evolução da língua em conexão com a história da cultura;
- Questões aplicadas à política linguística.

Segundo García Marcos (1999, p. 105), até os anos setenta, os dois grandes eixos temáticos da pesquisa em linguística soviética foram o desenvolvimento social da vida linguística e suas inter-relações com o contexto cultural e os esquemas de pensamento. A visão marxista da evolução da linguagem coincide com a escola soviética, obviamente. As mudanças na base econômica e social de uma comunidade provocam a aparição de

outros tantos fatos linguísticos, até então desconhecidos, que terminavam por transformar a língua (GARCÍA MARCOS, 1999, p. 106).

É importante destacar a proximidade do Círculo de Bajtin às ideias de Lev Vigotsky, uma vez que se nutriam da concepção marxista da história e da cultura. Das duas grandes correntes de pensamento psicológico, Vigotsky representa (MENDOZA, 2021, p. 64):

(...) outra perspectiva, a cultural ou sócio-histórica, como se conhece a escola que Lev Vigotsky inaugurou, que concebe os processos psicológicos superiores, como a percepção, o raciocínio lógico, o pensamento e a memória, se encontram mediados por ferramentas, instrumentos que são de criação social e como produtos da atividade humana ao longo de sua história.

Esse autor afirma que há duas fases na aprendizagem do ser humano em sua etapa inicial, na infância (MENDOZA, 2012, p. 64). Vigotsky tratou de atividades que se desenvolvem primeiro no âmbito social para depois atuar na esfera do pessoal: “no desenvolvimento cultural da criança, toda função aparece duas vezes: primeiro, no nível social, mais tarde, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), depois, no interior da própria criança (intrapsicológica)”.

Esses elementos cognitivos mencionados acima como funções psicológicas superiores “têm sua origem na cultura e não nas pessoas, como frequentemente se acredita” (MENDOZA, 2012, p. 88). Essas ideias se englobam na chamada psicologia social, onde o interacionismo social seria uma metodologia e a linguagem teria “um uso interativo organizado em discursos”. A escola de psicologia social soviética é imprescindível para abordar qualquer aproximação a uma teoria do sujeito (Leóntiev, Rubinstein...).

Mais tarde seria formalizada a chamada Escola Linguística Italiana formada por Ferruccio Rossi-Landi, Augusto Ponzio, Luigi Rosiello e Massimo Bonfantini. Os autores têm em comum que na semiótica, na filosofia da linguagem e na linguística tratam aspectos relacionados com o ideológico a partir do materialismo histórico.

Rossi-Landi (1970) desenvolve o conceito de *alienação linguística*. Conforme esse conceito, o sujeito comunicativo contemporâneo – o falante ou produtor cultural – experimenta, tanto quanto o trabalhador assalariado da indústria capitalista, uma situação extremamente deficiente, inscrita na expropriação e na regulamentação opressiva:

Como repetidor de modelos obrigatórios e suprapessoais, o trabalhador linguístico vem a se encontrar na situação de não saber o que faz quando fala, de não saber porque fala como fala, e de pertencer a processos de produção linguística que o condicionam desde o princípio, que o obrigam a ver o mundo de determinadas maneiras e que lhe tornam difícil o trabalho original ou simplesmente diferente (ROSSI-LANDI, 1970, p. 55).

Essa escola se caracteriza pela aplicação de certas categorias já cristalizadas do marxismo à análise da linguagem. Ponzio incursionou, ademais, no terreno da ideologia e pretendeu a mudança do aparato metodológico chomskyano, enquanto Rossi-Landi utilizaria os pontos de referência da economia política marxista no estudo da linguagem (GARCÍA DE LEÓN, 1985).

Quando García Marcos (1999, p. 103) trata de ambos os autores destaca que:

A vinculação entre sociolinguística e marxismo nos dois autores italianos é mais que evidente, até o ponto que não possam ser distinguíveis ambos os aspectos: formam parte da sociolinguística de perspectiva marxista e, do mesmo modo, em sua perspectiva não existia, naquela época, mais opções para a sociolinguística que os postulados marxistas.

García Marcos (1999, p. 103) ressalta a influência do teórico marxista Antonio Gramsci na obra de Rossi-Landi e Ponzio, porém destaca que suas considerações marxistas: “(...) se enquadram dentro da proposta epistemológica global, no sentido de que aspirou a renovar todo o saber humanístico (...)”.

Rossi-Landi criou a alternativa marxista em semiótica (MANCUSO, 2006):

É óbvio que essa ciência unificada do signo entendida como uma teoria histórico-materialista do social (isto é, do sígnico – mais ainda das condições de possibilidade da signicidade) não chegou a se concretizar imediatamente mas, em grande medida, sua gestação começou precisamente na obra posterior de Rossi-Landi, superando alguns reducionismos herdados do “historicismo concludente” e do “materialismo metafísico” e muito especialmente a partir dos artigos publicados até 1967 e difundidos na memorável revista *Nuova Corrente*, primeiro e *Ideologie* depois. Basta recordar o fundacional “Perch, Semiotica” (1967, p. 90-93), primeiro de uma série de “Note di Semiotica” verdadeiro chamado de atenção contra a “Semiologie” barthesiana e outras manifestações pós-estruturalistas e lacanianas.

Esse autor aponta a influência que tanto o ideólogo marxista Antonio Gramsci quanto o filósofo Wittgenstein representam na obra de Rossi-Landi. O esforço para transladar noções fundamentais da linguística e da semiologia a conceitos básicos do marxismo como trabalho, capital, mercado ou produção nos parece, hoje, muito mais que

um desejo ideológico. Efetivamente, se configuram com argumento sólido para explicar manifestações nas quais prevaleçam funções linguísticas e semióticas.

Rossi-Landi critica as posturas idealistas da linguagem e aposta na perspectiva materialista como forma de afrontar a criação e a mudança linguística (QUESADA, 1991, p. 13):

A teoria do trabalho linguístico, formulada por Rossi-Landi (1968, 1970) se caracteriza por conceber a linguagem como essência humana. Diante da necessidade de comunicação – produto da necessidade de sobrevivência material – a espécie se empenha em resolvê-la, mediante o trabalho linguístico que produz o código verbal. Existem três condições que a concepção materialista da linguagem satisfaz: a. se concebe o fenômeno como uma totalidade (língua-comunidade); b. Se concebe em termos de processo (surge e evolui ligado a necessidades próprias da espécie); c. Sua origem é situada, não é outra diferente daquele salto qualitativo da espécie, produtor da tríade dos hominídeos.

Desse ponto de vista, apenas a perspectiva materialista coloca de maneira satisfatória um modelo de aproximação à questão da origem da linguagem. A partir daqui, uma linguística materialista será adequada porque se baseia em uma teoria sólida e coerente da linguagem que alimenta a teoria linguística que eventualmente surge dela. Não é esse o caso idealista, cujas duas vertentes esquivam a questão da origem ao fundamentar-se em teorias metafísicas da linguagem. Isso quer dizer que a relação teoria-análise se encontra de forma rigorosa na concepção materialista. No caso idealista, o que existe é uma postura epistemológico-analítica empírica, que não é o mesmo que a relação teoria da linguagem-análise (teoria linguística).

O maior continuador das posturas de Rossi-Landi na atualidade, salvo Ponzio, seria o linguista inglês Norman Fairclough. Esse autor estabelece um passo fundamental para fundar a escola de Análise Crítica do Discurso em *Language and power* (1989), em que se entende o discurso como categoria abstrata que designa os elementos semióticos (aqueles referidos à produção intersubjetiva do significado) da vida social. Cria um modelo tridimensional do discurso no qual a conexão entre texto e prática social é mediada pela prática discursiva. Aqui cabe o conceito de hegemonia (GRAMSCI, 2018) com a prática discursiva pautada na intertextualidade e na interdiscursividade. Esse modelo se compõe da tríade seguinte:

1. Condições de produção
2. Condições de distribuição/circulação

3. Condições de recepção/consumo

Esse esquema se orienta nas teorias de Rossi-Landi (1970), cujas influências são, como já vimos, Marx, Gramsci e Wittgenstein.

Também Luigi Rosiello e Massimo Bonfantini pertenceram a essa escola que trasladou conceitos do materialismo histórico à teoria do signo linguístico. Entre outras obras, o primeiro publicou, em 1974, *Linguística e marxismo. Interventi e polemiche* não traduzida ao espanhol, e o segundo *Il materialismo e la semiosi*, em 2012.

Já a Linguística Crítica (LC) aprofunda as análises no aspecto linguístico e contribui no plano da morfossintaxe. Hodge e Kress (1993) partem da premissa de que existem fortes e onipresentes conexões entre a estrutura linguística e a estrutura social. Para eles, a linguística é uma disciplina amparada por certas pressuposições, como aquele de constituir um instrumento “neutro” para o estudo da ideologia, mas na realidade é um instrumento “neutralizado”. Afirmar que se necessita de uma linguística que seja crítica, consciente das pressuposições nas quais se pauta e esteja preparada para refletir sobre a natureza a que pertence a linguagem e os fenômenos estudados.

A Linguística Crítica insiste que toda representação está mediada ou moldada pelos sistemas de valores que estão arraigados no meio usado para a representação (FOWLER, 1996).

Nossas “seleções organizadas” ao formar um texto são respostas a teorias práticas da natureza dos acontecimentos comunicativos nos quais participamos, pois fomos socializados para abraçar tais teorias e nossos juízos são amplamente automáticos. Ademais, esse processo tende a ser inconsciente para a maioria dos membros da comunidade de fala durante a maior parte do tempo, como afirmamos anteriormente. Esse é o ponto em que podemos encontrar a base para a teoria do sujeito que, partindo de Lacan, aplicaremos a nossa proposta de Linguística Materialista.

Seguindo Voloshinov, Hodge e Krees (1993) afirmam que o significado linguístico é inseparável de sua ideologia e ambos dependem da estrutura social, então a análise linguística deverá ser uma ferramenta poderosa para o estudo dos processos ideológicos que mediam as relações de poder e controle. Para os autores, a linguagem serve para confirmar e consolidar as organizações e é usada para manipular as pessoas, para mantê-las em papéis e estatutos economicamente convenientes, para manter o poder de determinadas instituições e empresas. Esse aspecto é a base para o nascimento da Análise Crítica do Discurso.

A linguagem é parte do processo social e também é seu resultado. Por esse motivo, a LC é muito crítica com a sociolinguística, porque omite a relação bidirecional entre linguagem e sociedade. Segundo Raiter (2014, p. 23):

(...) os postulados da LC, o método consiste em não dar por naturais e neutras as formas linguísticas em geral porque a gramática de uma língua é sua concepção de mundo.

Para a LC a chave está no sistema como estrutura gramatical estabelecida por uma sociedade. O falante usa as opções que lhe oferece o sistema em um contexto determinado para ordenar, persuadir, etc, mas apenas tem a possibilidade de optar conforme um leque fechado de opções.

Todavia, ter opções, para um falante qualquer, não implica liberdade para levar a cabo sua intenção comunicativa, mas a liberdade de optar; para a LC isso significa que o falante está limitado a determinadas possibilidades, dadas pela gramática de sua língua, gramática que provê uma forma de ser e perceber o mundo. Na realidade, o processo de participação em um evento comunicativo qualquer não se desenvolve de qualquer modo; é uma confusão difundida pela pragmática e os filósofos da linguagem pelo uso que fazem da palavra “uso”. Os falantes não têm, na realidade, uma intenção comunicativa a qual chegamos pelo lado externo dos hábitos comunicativos de nossa comunidade (RAITER, 2014, p. 23).

No sistema classificamos, transformamos e modalizamos. A gramática da classificação se refere ao ordenamento linguístico do mundo e se pauta no valor do signo e da acentuação ou multiacentuação: lexicalização, relexicalização, localização dos adjetivos, etc. As transformações se dão no nível sintático (nominalizações e passivizações), enquanto a gramática da modalidade se inscreve na função interpessoal na qual por meio de pronomes, verbos e/ou desinências modais se expressa a proximidade entre emissor e receptor ou entre emissor e mensagem.

O que a LC estabelece é que desde a gramática, a estrutura da linguagem (sintaxe, semântica...) se pode abarcar o amplo debate sobre o signo linguístico e a ideologia.

Conclusões

Segundo Moralejo, uma lacuna para estabelecer uma sociolinguística crítica (apesar de já haver uma corrente denominada assim, liderada por Halliday e Bernstein, entre outros) seria uma teoria válida do sujeito. Acreditamos que seja possível estendê-la à própria linguística, cujo adjetivo materialista estaria justificado a partir da codificação léxico-semântica dos signos (palavras), posto que o signo linguístico é motivado

ideologicamente. As relações semânticas (especialização, mudança...) também seriam motivadas da mesma forma.

A ausência de uma epistemologia do sujeito do discurso deveria ser estudada no na perspectiva de Freud através de Lacan, revisando a obra de Bajtin, Voloshinov, Vigotsky e o restante de sua escola de Psicologia Social (Leóntiev, Rubinstein...). Em todo caso, como último elo, a obra de Pêcheux é interessante para nossa proposta de pesquisa. Fora do âmbito materialista, a obra de Benveniste seria imprescindível para esclarecer certos conceitos no interior de sua teoria da enunciação (“Da subjetividade na linguagem”, 1958).

Portanto, observamos como é possível uma Linguística Materialista na qual os processos que vão da codificação sígnica das significações até a gramática estejam condicionados pela estrutura social e a dominação sociopolítica e cultural do momento. Unido a isso, a interação e o contexto que estão obviamente fora do sistema/estrutura linguístico condicionam a linguagem usada, tanto sua produção, sua circulação quanto sua recepção. Isso estaria fora, é preciso esclarecer, de um sistema saussuriano. Dessa maneira, o círculo da comunicação humana se completa e se fecha.

Também as palavras de Quesada (1991, p. 13-14) justificam a criação de uma linguística de corte materialista para explicar a própria origem da linguagem humana:

(...) somente o enfoque materialista projeta de maneira satisfatória um modelo de aproximação à questão da origem da linguagem. A partir daqui, uma teoria linguística materialista será adequada na medida em que se fundamente em uma teoria sólida e coerente da linguagem que alimente a teoria linguística que dela eventualmente surja. Não é esse o caso idealista, cujas duas vertentes evadem a questão da origem ao fundamentar-se em teorias metafísicas da linguagem. Isso quer dizer que a relação teoria-análise se encontra de forma rigorosa na concepção materialista. No caso idealista, o que existe é uma postura epistemológico-analítica empírica, que não é o mesmo que a relação teoria (da linguagem) análise (teoria linguística).

Não é nosso objeto de estudo elucidar se o conceito de luta de classes tem vigência hoje em dia nas distintas sociedades industrializadas. Remetemo-nos à teoria de Laclau (2005), quem afirma que nas sociedades pós-industriais não há um sujeito chamado *classe operária* com os mesmos interesses. Uma pessoa pode votar na direita e ser ecologista, homossexual ou ateu, ou cristão e comunista ao mesmo tempo. O ingrediente de união pode ser uma cadeia de demandas insatisfeitas em torno de um símbolo (povo, líder, etc.). Laclau tratava da lógica da diferença como característica das lutas democráticas emergentes nas sociedades capitalistas avançadas porque os coletivos não formam grupos

claramente delimitados, não se agrupam em duas formações concorrentes. Os antagonismos em uma sociedade capitalista avançada não costumam se integrar em cadeias de equivalência.

Portanto, a teoria marxista na qual a interação se dá no contexto da luta de classes deveria ser atualizada em um sentido mais heterogêneo. O que sim é evidente é que segundo se afirma neste texto “o conteúdo de todo signo linguístico tem uma determinada acentuação ou carga valorativa socialmente adquirida, em virtude da qual o signo funciona ideologicamente” (HIERRO, 1989, p. 473). O acesso à produção discursiva não é o mesmo para todas as classes sociais. A predominância das elites políticas, midiáticas, econômicas ou religiosas para selecionar e difundir as mensagens era claramente classista para Foucault (1999) ou Fairclough (1989) com o fim de reproduzir o *status quo*. Entretanto, não há hegemonia absoluta, há espaço para a criação ideológica por meio do signo, assim que reflete e refrata (discute) a realidade, apesar de que Hierro (1989, p. 475) entenda esse termo próximo à alienação linguística, pois o traduz como “deformação” da realidade conforme os interesses da classe dominante.

Por que refratada e não meramente refletida? Porque a linguagem não é um meio neutro em cujo uso cada classe social tenha a mesma capacidade e autonomia, mas “a classe dominante se esforça por imprimir um caráter supraclassista e eterno ao signo ideológico, fazendo-o uniacentuado, e extinguindo ou reprimindo a luta entre distintos juízos de valor sociais que nele têm lugar” (HIERRO, 1989, p. 473).

A ideologia como sistema de crenças e valores (VAN DIJK, 2008) se transmite desde a superestrutura, sobretudo com discursos. Desse modo, as linhas ficam traçadas para um tratamento das relações entre a base e a superestrutura através do meio linguístico (HIERRO, 1989, p. 473). Em relação ao reflexo da realidade social, García de León afirma, em consonância com a proposta de refração como discussão que:

(...) a ideologia não é, todavia, como pensam os mecanicistas, um simples e unívoco reflexo superestrutural da vida econômica: a ideologia engraxa os processos econômicos em suas engrenagens mais profundas (alienação, fetichismo, coação...), marcha em uma via de refração múltipla entre o que, por razões de método e nada mais, se colocou em duas esferas de ação diferenciadas, e a chave está em se direcionar ao caráter gerativo desse processo.

Confrontar o modelo de Saussure, como um sistema abstrato com traços idealistas, suporia a refundação da Linguística, pois a motivação ideológica na criação dos signos linguísticos seria *leitmotiv* suficiente.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, L. E. Pierre Bourdieu, el lenguaje y la comunicación: de los mercados lingüísticos a la degradación mediática. In. J.L. MORENO PESTAÑA, L. ENRIQUE ALONSO BENITO Y E. MARTÍN CRIADO (eds.), *Pierre Bourdieu: las herramientas del sociólogo* Madrid: Fundamentos, 2004, pp. 215-254.
- BERMÚDEZ, N. La cuestión de la enunciación en el marco de los estudios del discurso. Diálogos y diferencias entre la escuela francesa y la escuela de A. Culioli. *Lenguaje*, 39 (1), 2001, pp. 253-267.
- CALVET, J.L. *Lingüística y Colonialismo*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica. 2005.
- CÁRDENAS, V. Releyendo a Ferdinand de Saussure: el signo lingüístico. *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Jujuy*, nº 51, 2017, pp. 27-38.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FEDOSÉIEV, P. *Dialéctica de la época contemporánea*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1968.
- FLAX, R; MARTÍNEZ ROMAGOSA, M. (2020). Desalienar el ACD: Una revisión de la noción de ideología para devolver la crítica marxista al Análisis Crítico del Discurso. *Pensamiento al margen*, nº12, 2020.
- FOUCAULT, M. *El orden del discurso*. Barcelona: Tusquets, 1999.
- FOUCAULT, M. *Microfísica del poder*. Madrid: Ediciones La Piqueta, 1979.
- FOWLER, R. (1996). On critical linguistics. In. R.C.COULMAS-COULTHARD y M. COULTHARD (eds). *Text and Practices*. London: Routledge, 1996, pp. 3-14.
- GARCÍA DE LEÓN, A. El poder por los caminos del lenguaje. *Cuadernos Políticos*, v. 44, 1985, pp. 67-81.
- GARCÍA MARCOS, F. *Fundamentos críticos de sociolingüística*. Almería: Universidad de Almería, 1999.
- GRAMSCI, A. *Pasado y presente*. Cuadernos de la cárcel. Barcelona: Gedisa, 2018.
- HERNÁNDEZ, S; MOREL, P; TERRILES, R. Discurso y sujeto en las perspectivas de Pêcheux y Voloshinov. *Contratexto*, 19, 2011, pp. 115-132.
- HIERRO, J. *Principios de filosofía del lenguaje*. Madrid: Alianza, 1989.
- HODGE, R; KRESS, G. *Language as Ideology*. Londres: Routledge. 1993
- LACAN, J. *El Seminario 4, La relación de objeto (1956-1957)*. Paidós: Buenos Aires, 2007.
- LACLAU, E. *La razón populista*. México: Siglo XXI, 2005.
- LAKOFF, G. *No pienses en un elefante: Lenguaje y debate político*. Madrid: Editorial Complutense, 2007.
- LECERCLE, J.J. *A Marxist Philosophy Of Language*. Chicago: Haymarket Books, 2009.

- LEPSCHY, G. Linguistics. En Zygmunt G. Barański, John R. Short (eds.), *Developing Contemporary Marxism*. London: Palgrave Macmillan, 1985.
- LOCKE, J. *Ensayo sobre el entendimiento Humano*. Madrid: Editora Nacional, 1980.
- LÓPEZ, F. Superestructuras, ideología y lenguaje: la materialidad de los signos. *Mensaje*, 272, 1978, pp. 558-561.
- MANCUSO, R (2006). Significado, comunicación y habla común. La cuestión de la alienación lingüística en Ludwig Wittgenstein y Antonio Gramsci. *AdVersus*, Año III, nº 6-7.
- MARX, K. *Prólogo a la Contribución de la Crítica a la Economía Política*. In C. MARX e F. ENGELS, *Obras Escogidas, tomo I*. Moscou: Editorial Progreso, 1974.
- MARX, K. e F. ENGELS. *La ideología alemana*. Buenos Aires: Nuestra América. 2010.
- MENDOZA, J. Vygotsky y Bajtin: construcción social del conocimiento. En J. MENDOZA, J. S. SÁNCHEZ J; MARTÍNEZ. G. (Comp.), *La construcción del conocimiento, miradas desde la psicología educativa*. México: UPN, 2012, pp. 63-94.
- MORALEJO SILVA, R. Aportaciones de Valentin Nikolaevich Voloshinov para una sociolingüística crítica. *Tonos digital*, 23, 2012.
- OGDEN, I.A; RICHARDS, C.K. *El significado del significado*. Buenos Aires: Paidós, 1984.
- PIERCE, C. *La ciencia de la semiótica*. Buenos Aires: Edición Nueva Visión, 1974.
- PLEJANOV, G. The Meaning of Hegel. *Fourth International*, Vol.10 No.4 & No.5, 1949, pp.119-125 & 152-157.
- QUESADA, J. D. Notas sobre epistemología del lenguaje. *Letras*, 1991, pp. 23-24.
- RAITER, A. Crítica del uso del lenguaje o crítica de algunos usos. *KAF*, 1(3), 2014, pp. 22-29.
- RAITER, A. Voloshinov: construcción dialéctica del sujeto individual y social en y por el lenguaje. *Texturas* (14), 2015, pp. 24-40.
- REGALES, A. Para una crítica de los fundamentos del chomskismo. *Atlantis: Revista de la Asociación Española de Estudios Anglo-Norteamericanos*, Vol. 4, Nº 1-2, 1982, pp. 43-58.
- REZNIKOV, L. *Semiótica y Teoría del Conocimiento*. Madrid: Alberto Corazón editor, 1970.
- RIESTRA, D. Un lenguaje único y semióticas diferentes en la materialidad de los signos lingüísticos. *Culture of communication/Communication of culture*. 2012, 417-428.
- ROSSI-LANDI, F. *El lenguaje como trabajo y como mercado*. Caracas: Monteavila editores, 1970.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística general* (traducción de Amado Alonso). Buenos Aires: Losada, 1945.
- SAUSSURE, F. *Escritos sobre Lingüística General*. Barcelona: Gedisa, 2004.
- SCHAFF, A. *Ensayos sobre Filosofía del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1973.
- SHUARE, M. Vigotsky y Bajtin: historicidad y diálogo. *Psicología em Estudo*, Maringá, V. 15, nº 3, 2010, pp. 441-455.

- SIGUÁN, M. *Lenguaje y clase social en la infancia. Apéndice: Marxismo y sociolingüística*. Pablo del Río editor, 1979.
- VAN DIJK, T. El análisis crítico del discurso. *Anthropos*, 186, 1999a, pp. 23-36.
- VAN DIJK, T. Un estudio lingüístico de la ideología. In G. Parodi Sweis (ed.), *Discurso, cognición y Educación*. Homenaje a Luis A. Gómez Macker (pp. 27-42). Valparaíso: Ediciones Universitarias de la Universidad Católica de Valparaíso, 1999b, pp. 27-42.
- VAN DIJK, T. Discurso y dominación. En *Grandes Conferencias en la Facultad de Ciencias Humanas*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia; N. 4, 2004, pp. 5-28.
- VAN DIJK, T. Semántica del discurso e ideología. *Discurso y sociedad*, 2(1), 2008, pp. 201-261.
- VIGOTSKY, L. *Pensamiento y lenguaje*. México: Ediciones Quinto sol, 2008.
- VOLOSHINOV, V. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Godot, 2009.
- YANCE, L. Importancia de la lingüística en el esclarecimiento de la función social del lenguaje. *Revista Cubana Educación Media Superior*. 2000; 14(3), 2000, pp. 219-229.
- ZAVALA, I. M. *La (di)famación de la palabra. Ensayos polémicos de ética y cultura*. Barcelona: Anthropos Ediciones, 2009.

Submetido em: 30/05/2021

Aprovado em: 26/01/2022

Como referenciar este artigo:

RIQUELME, Pedro Fernández. SOUZA, Nathan Bastos de. Uma História para a Linguística Materialista. **revista Linguagem**, São Carlos, v.41, n.1, 2022 p. 1-26.